

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
“CURSO DE PSICOLOGIA”

BRUNA MEUCCI

Um estudo de caso de identidade: A emancipação humana.

Trabalho de conclusão de curso como exigência parcial para graduação no curso de Psicologia, sob orientação do Prof. Dr. Odair Furtado

SÃO PAULO

2009

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
“CURSO DE PSICOLOGIA”

BRUNA MEUCCI

Um estudo de caso de identidade: A emancipação
humana.

SÃO PAULO

2009

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os amigos que compartilharam um pouco deste momento comigo. Vocês são pessoas muito importantes para mim.

Aos meus pais, um agradecimento especial. Obrigada pelo apoio e pela dedicação dada durante toda a minha vida. Eu amo vocês.

Ao meu orientador, com quem tanto conversei durante esse ano dividindo entusiasmos, reflexões e angústias e que me ensinou além de conceitos, muita coisa sobre a vida.

BRUNA MEUCCI:

Orientador: Odair Furtado

Palavras-chave: identidade, metamorfose, emancipação, escrita de si

RESUMO

O objetivo deste trabalho foi realizar um estudo de identidade e refletir sobre a relação identidade posta como metamorfose constante/escrita de si, de experiências vividas.

A pesquisa dividiu-se em três partes: uma introdutória, que apresenta o trabalho ao leitor; uma teórica, organizada em dois capítulos, um referente à identidade e outro à linguagem escrita, ambos seguindo os pressupostos teóricos e metodológicos da psicologia sócio-histórica e uma prática, que consiste, na análise da identidade de Ernesto Guevara de La Serna através dos seus registros escritos, e na conclusão, aonde as reflexões teóricas e práticas se unem.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	01
CAPÍTULO I – ESCRREVENDO A VIDA: O HOMEM EM MOVIMENTO	04
CAPÍTULO II – IDENTIDADE	09
CAPÍTULO III – ANÁLISE	30
CONCLUSÃO	52
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	55

*Desconfiai do mais trivial na aparência
singela e examinai, sobretudo o que
parece habitual. Suplicamos
expressamente: não aceiteis o que é de
hábito como coisa natural, pois em tempo
de desordem sangrenta, de confusão
organizada, de arbitrariedade consciente,
de humanidade desumanizada, nada deve
parecer natural, nada deve parecer
impossível de mudar.*

(Bertold Brecht)

INTRODUÇÃO

Nos propomos neste trabalho discutir a identidade. Seja qual for o entendimento que se tem a respeito do que é identidade, é ponto pacífico que ela fala das características pessoais e/ou coletivas dos homens e também do nosso ser e estar no mundo. Mas quais são essas características pessoais? Quando alguém te pergunta: “Quem é você?”, ou quando você se pergunta: “Quem sou eu?”, qual é a sua resposta?

Em tempos de profundas, aceleradas e incessantes transformações sociais, políticas e econômicas, que configuram o mundo contemporâneo, o estudo sobre a identidade se coloca como um desafio, é um campo fértil para indagações e tem grande importância social, tudo isso na medida em que as relações humanas ficam cada vez mais complexas e dão corpo a uma realidade bastante desumana. Quem somos e como podemos nos conhecer, uns aos outros, em meio ao turbilhão de coisas e acontecimentos que nos rodeiam e que parecem nos levar cada vez mais para o afastamento de nós mesmos e conseqüentemente dos outros? Que espaços nos são dados para o exercício da reflexão acerca de nós e do mundo? Será que estamos naturalmente determinados a sermos assim? Somos fruto de um destino? Ou será que nos construímos?

O que nos parece bastante preocupante e digno de atenção sobre este assunto, é a aceitação da idéia de que a identidade está desvinculada da sociedade da qual o indivíduo faz parte.

Este tipo de entendimento faz com que algumas coisas tenham a aparência e/ou sejam sentidas como sendo naturais, imóveis, dadas, estáticas, findadas, destinadas a, imutáveis e assim por diante? Quantas vezes ouvimos: “Ele é assim mesmo”; “Nasceu assim”; “É da natureza da pessoa”; “Eu não vou mudar nunca, nasci assim”; “Não tem mais salvação”; “As coisas são assim mesmo”; “Basta você se esforçar”.; etc.

Se pararmos para analisar atentamente, verificaremos que este tipo de olhar contribui e caminha na direção da permanência das coisas, do distanciamento das possibilidades e mudanças, do novo. O olhar crítico cede

espaço para a passiva aceitação das coisas. O homem passa a não questionar, a não se questionar e o ato de pensar, que segundo Chauí (1980), é atividade humana por excelência, fica obstruído.

Mas o homem entendido neste trabalho é um ser social, ativo e histórico e fora deste contexto não existe enquanto homem. A partir do momento que se adota essa visão, abandona-se imediatamente a idéia do estático, do imutável, do natural, do impossível, de tudo aquilo que não aceita transformação. O homem é transformação constante – é metamorfose. O homem é história, ele constrói sua própria existência na relação com o outro e com a natureza, em sociedade. Ele se cria, cria coisas, recria. Uma coisa certa é: ele está em movimento permanente, mesmo quando a aparência é de não haver. Frisamos que falar do homem, é falar da certeza do inacabado, da continuidade. A possibilidade do novo sempre existe.

Sendo assim, pensando nas formas do homem se expressar, esse estudo de identidade busca refletir sobre uma relação que nos parece muito interessante, ou seja, a relação entre identidade posta como metamorfose constante/escrita de si; de experiências vividas, que nos parece caminhar no sentido de buscar a emancipação do homem, da sua concretização humana.

A linguagem humana é aqui compreendida como uma representação simbólica do real. Ela possibilita ao homem distanciar-se da experiência propriamente dita, refletir e atribuir-lhe um novo sentido.

Nos orientamos, para tal tarefa por alguns questionamentos: Existe relação entre a escrita de si e a identidade? Qual seria? O que ocorre com o indivíduo, em termos de identidade, quando ele escreve sobre si? Este tipo de exercício pode contribuir para a metamorfose humana? Etc.

Talvez não tenhamos respostas para todas as questões aqui colocadas, mas a intenção não é finalizar o estudo, dando respostas fechadas, pelo contrário, é um convite para a discussão.

A história de vida de Ernesto Guevara de La Serna, mais conhecido como Che, contada por ele próprio e retirada dos seus registros escritos é o objeto da nossa análise. Percebemos que na medida em que relata a sua

experiência de viagem, ele fala da sua identidade, isto é, do seu modo de ser, das relações com as outras pessoas, dos sentimentos, das expectativas dos outros, das próprias expectativas, de uma realidade social, política e econômica, etc, e é exatamente por tudo isso, o que faz ela ser um instrumento bastante rico para o desenvolvimento deste trabalho.

O objetivo do trabalho é realizar um estudo de identidade através da teoria psicossocial da identidade que vem sendo desenvolvida por Antonio da Costa Ciampa e refletir sobre a relação identidade posta como metamorfose constante/escrita de si; de experiências vividas.

Buscamos com isso, contribuir para a continuação da discussão sobre o assunto identidade; caminhamos com o pensamento na emancipação humana.

CAPÍTULO I – ESCRIVENDO A VIDA: O SER EM MOVIMENTO

O registro escrito de experiências vividas, frequentemente encontrado em diários, livros, jornais, etc, vem sendo considerado por pesquisadores e estudiosos de diferentes áreas do conhecimento, uma valiosa fonte de dados para o estudo do homem.

De acordo com Alves (2004), as potencialidades dos documentos pessoais são praticamente inesgotáveis. Para ele, a personalidade, originária do sujeito que escreve em primeira pessoa, torna rica e multifacetada a utilização destes registros, conforme visto, denominados por ele “documentos pessoais”. Ele diz: *Por exemplo, a História, através dos documentos pessoais, poderá reconstruir biografias e épocas, enquanto a Sociologia, a Pedagogia, a Psicologia Clínica, ou a Antropologia, perseguirão outras finalidades (p. 223).*

Na área da psicologia, uma das finalidades da psicologia da educação, por exemplo, é utilizar o registro escrito (que muitas vezes é realizado em diários) como instrumento de investigação das experiências de professores e alunos. Nestes casos, solicita-se que o sujeito registre em seu diário suas experiências escolares, para que possa posteriormente retornar a elas e refletir sobre si mesmo. Estes estudos entendem os registros escritos como fontes ricas para o exercício reflexivo e crítico sobre a ação. Segundo ele:

Para os próprios professores, porém, a escrita de diários pode converter-se em importante descoberta e desafio para si e para o seu contexto profissional. Dirão Bolívar et al. (2001:184), citando McKernan, que, como forma de testemunho biográfico, importa que o diário contribua para iluminar as intenções, as interações e efeitos docentes como tomada de posição ou propostas de mudança, tanto nos seus aspectos ou vivências positivas, como nas insatisfatórias ou negativas (p. 225).

De início, é importante compreendermos que quando um indivíduo escreve sobre uma experiência sua de vida, ele está apenas representando a experiência, isto é, o que ele escreve não é a experiência em si.

Segundo Vygotsky (2000) “a experiência do indivíduo encontra-se apenas em sua própria consciência e é, estritamente falando, não comunicável”.

Entretanto, ele diz poder ser comunicável o significado dela. Para ele, a verdadeira comunicação é um ato de simplificação e generalização da experiência, que se traduz por símbolos (palavras, gestos, etc), capacidade característica da linguagem humana. *Como um sistema mediador, a linguagem humana permitiu a transmissão racional e intencional de experiências e pensamentos (p. 07).*

Enquanto generalização de uma experiência vivida, podemos sugerir que o símbolo carregue de alguma maneira essa experiência (uma experiência que é significada). Sendo assim, o símbolo *carrega essa significação, ele contém um significado*. Conforme diz Vygotsky (2000), *uma palavra sem significado é um som vazio; o significado, portanto, é um critério da palavra, seu componente indispensável (p. 150).*

A linguagem humana revoluciona a relação do homem com o mundo e diferentemente da linguagem animal, por meio de representação simbólica e abstrata, permite o distanciamento do homem em relação ao mundo, tornando-o capaz de reorganizá-lo numa outra totalidade e lhe dar novo sentido.

Isto significa dizer que o homem, ao contrário de todos os outros seres vivos e através da linguagem enquanto representação simbólica do real, é capaz de entrar em contato com aquilo que não está presente (a experiência/ o concreto) ou que não é da ordem do vivido, podendo (re) significar; (re) elaborar; (re) construir a sua existência.

Temos, portanto indicativos significativos de que a linguagem proporciona o encontro do indivíduo com ele mesmo, tornando-o capaz de transformar-se. Se pensarmos como Vygotsky (2000), compreenderemos que estando em inter-relação, pensamento e linguagem já pressupõem a relação do sujeito com ele próprio. Conforme ele pensa, ele escreve; conforme ele escreve, ele pensa, tudo ao mesmo tempo.

Tendo pensamento semelhante Scholze (2007), diz que a linguagem humana possibilita a constante re-invenção de nós mesmos. Segundo ela:

A capacidade de reflexão sobre o que fazemos e, em especial, sobre o que fazemos com nós mesmos e o que deixamos fazer conosco é da nossa condição humana, e ela se dá pela linguagem(...) (p. 143).

Voltando novamente para as idéias de Vygotsky (2000), encontramos importantes distinções entre as linguagens interior, exterior/oral e escrita e em relação as suas funções. A linguagem interior é, *em grande parte, um pensamento que expressa significados puros. É algo dinâmico, instável e inconstante, que flutua entre a palavra e o pensamento (p. 185).*

A linguagem exterior é o pensamento expresso por palavras. A oral implica enunciação imediata, não premeditada. A sua velocidade *não favorece um processo de formulação complexo – não deixa tempo para a deliberação e a escolha (p. 179).*

Já a linguagem escrita, é uma forma de linguagem mais elaborada e mais desenvolvida, assumindo formas complexas de expressão.

Para ele:

A comunicação por escrito baseia-se no significado formal das palavras e requer um número muito maior de palavras do que a fala oral, para transmitir a mesma idéia (2000, p. 176).

O autor faz uma distinção funcional da linguagem, caracterizando de um lado o diálogo e de outro o monólogo. O diálogo é representado, na maioria dos casos, pela linguagem oral. Pressupõe, segundo Vygotsky (2000), que os interlocutores se conheçam minimamente e/ou que possam se ver. A linguagem desta forma é abreviada (linguagem se reduz ao mínimo), é imediata e as frases em certas condições são exclusivamente predicativas. Já o monólogo, que é representado pela escrita e pela linguagem interior, é para ele uma forma de linguagem complexa, que possibilita ao sujeito *uma elaboração linguística lenta e consciente (Vygotsky, 2000, p. 179).*

Uma das possibilidades de escrita apontada por Scholze (2007) é a escrita de si. Segundo ela, nesse modo de escrita o indivíduo não narra apenas o que acontece, mas principalmente o que lhe acontece, e nesse sentido, a

escrita é compreendida como uma das experiências subjetivas mais intensas, *uma experiência que nos transforma (p. 140).*

Segundo a autora a experiência com a escrita possibilita ao indivíduo a capacidade de organizar as idéias, permite a reflexão dele consigo mesmo, a representação da vida e o questionamento das ações.

A experiência da escrita é um exercício de transformação de nós mesmos. Através dela organizamos o pensamento, reafirmamos e transformamos conceitos (p. 145).

A linguagem escrita é para ela também:

(...)uma possibilidade “de abandono das seguranças do mundo administrado (...) como uma entrega a um outro mundo que ‘inquieta’, interrompe e transforma o primeiro” (Scholze, 2007, p. 146, apud Larrosa, 1998, p. 15)

Seguindo o mesmo raciocínio, Menezes (2001) diz que a escrita de si é movimento; é vida; é temperatura. Segundo ela, à medida que o indivíduo produz escritos relacionados à sua experiência de vida, a si próprio e retorna a eles, pode reconstruir a sua identidade. Ela diz:

(...)revela-se aqui a possibilidade de re-construção da própria identidade, mediante a coleção de coisas escritas (p.15).

Segundo os escritos de um dos sujeitos que participaram da sua pesquisa, a relação com os seus escritos é descrita desta forma:

Por meio dela [escrita] olho como que para um espelho e vejo minha imagem refletida, na qual percebo identidade mas muita alteridade. Penso em mim no mundo e assim me construo e reconstruo (p.15).

Neste sentido, este tipo de linguagem para ela, permite a representação de um eu em constante construção, um eu que pode ser reconstruído a partir

de palavras, *uma reconstrução que se dá no plano simbólico, plano no qual encontra-se a subjetividade (o nosso tudo) (p.20)*. A linguagem escrita contribui para a autoconstrução de si, resgata e exhibe um *estranho*, um *outro*.

Percebe-se pela contribuição dos autores acima citados, que existe uma íntima relação entre a escrita de si e a identidade como movimento. Dois são os momentos em que esta relação pode ser observada, sendo descritos os dois como terrenos férteis para reflexões: no momento em que o indivíduo escreve pela primeira vez; no momento em que retorna a ele.

CAPÍTULO II – IDENTIDADE

Este capítulo dedica-se ao estudo da identidade, que nas ciências de um modo geral e dentro da própria psicologia tem sido alvo de inúmeros estudos e questionamentos.

Segundo Antonio da Costa Ciampa, psicólogo social e importante pesquisador da identidade (a nossa referência principal) (2007b):

Psicólogos, sociólogos, antropólogos, os mais diversos cientistas sociais têm estudado a questão da identidade; filósofos também. Não só pela dificuldade, mas também pela importância que esta questão apresenta, outros especialistas têm se envolvido com ela e não só cientistas e filósofos: nos tribunais, juízes, promotores, advogados, peritos, etc.; na administração, tanto pública como privada; na polícia, na escola, no supermercado etc., enfim, em praticamente todas as situações da vida cotidiana, a questão da identidade aparece de uma forma ou de outra (e também fora do cotidiano: “quem era mesmo aquela personagem que sonhei ontem?”) (p. 59).

O autor debate a identidade partindo do pressuposto de que a sua discussão deve envolver necessariamente a discussão sobre a sociedade. Para ele (2007a), o indivíduo é o conjunto das relações sociais dentro da história. De acordo como o que o próprio autor declara no Lattes, sua linha de pesquisa se foca na identidade social, na metamorfose humana e na preocupação ética com a emancipação dos indivíduos. Segundo ele, seus objetivos de pesquisa são: desenvolver fundamentos conceituais, metodológicos e históricos da proposta de identidade humana como metamorfose; analisar as condições e as possibilidades de humanização e desumanização no mundo contemporâneo, considerando aspectos tanto emancipatórios quanto regulatórios; estudar personagens sociais, que num contexto social e histórico, constituem-se como referenciais identificatórios; examinar produções simbólicas que se expressam como políticas de identidade normativas.

Em sua tese de doutorado intitulada *A Estória de Severino e a História de Severina* (2007a), ele afirma a identidade como um fenômeno social e destaca a sua importância para a realização de outra discussão, intimamente relacionada à questão da identidade, a questão da desumanização x humanização.

Segundo ele (2007a), os nossos tempos capitalistas têm impedido por vezes que identidades enquanto possibilidade; enquanto desejo; enquanto projeto de vida, se concretizem. Para ele, é importante que fique claro que a crítica ao capitalismo *não significa afirmar que fora do capitalismo o problema esteja resolvido* (p. 238). De qualquer maneira, ele acredita que quando as condições sociais dadas impedem quaisquer alternativas de identidade de se concretizar, estão expressando a desumanidade de sua época, de sua sociedade. O impedimento de concretização do ser é o que caracteriza a desumanidade; por este motivo o autor propõe a construção coletiva e democrática de projetos políticos de identidade *que possam tender, convergir ou concorrer para a transformação real de nossas condições de existência, de modo que o verdadeiro sujeito humano venha à existência* (Ciampa, 2007b, p. 74).

Ciampa (2007a) entende que:

Cada indivíduo encarna as relações sociais, configurando uma identidade pessoal. Uma história de vida. Um projeto de vida. Uma vida-que-nem-sempre-é-vivida, no emaranhado das relações sociais. Uma identidade concretiza uma política, dá corpo a uma ideologia. No seu conjunto, as identidades constituem a sociedade, ao mesmo tempo em que são constituídas, cada uma por ela (p. 127).

Por tudo isso, ele afirma:

A questão da identidade, assim, deve ser vista não como questão apenas científica, nem meramente acadêmica: é sobretudo uma questão política (p. 126).

O pensamento de Ciampa está orientado pelos pressupostos teóricos e metodológicos da Psicologia Sócio-Histórica. Esta proposta teórica tem como referência fundamental o materialismo histórico dialético e entende que o

homem é um ser social, ativo e histórico, constituído dialeticamente nas e pelas relações que estabelece com o ambiente e com os outros homens.

Segundo Gonçalves (2001), *o homem se constitui historicamente enquanto homem, por meio da transformação da natureza, em sociedade, para produção de sua existência (p.39)*. Ao mesmo tempo em que o homem age sobre o ambiente, buscando satisfazer as suas necessidades, o ambiente age sobre o homem. A partir deste momento o homem já não é mais o mesmo, assim como o ambiente também não é; o movimento é constante. A relação entre homem e ambiente deixa “marcas” tanto em um, quanto em outro, ao mesmo tempo, permanentemente.

Dizem Aguiar e Ozella (2006): *(...)falamos de um homem constituído numa relação dialética com o social e com a história, sendo ao mesmo tempo único, singular e histórico (p.224)*. Ambos, indivíduo e sociedade, se contêm, porém sem se diluírem e sem perderem a sua singularidade; estabelecem uma relação em que um constitui o outro e vice-versa; se incluem e se excluem; são singulares e plurais ao mesmo tempo.

Segundo Ciampa (2007b), é impossível o homem deixar de ser social e histórico, para ele, *ele não seria homem absolutamente*. Impossível também, ele diz, é ele deixar de ser um animal, *consequentemente submetido às condições dessa natureza orgânica (tal como a planta à sua natureza vegetal)*. Contudo, *não pode ser só animal (dada sua natureza social e histórica)*. (p. 71).

Dado este entendimento em relação às coisas, ao homem e ao mundo, Ciampa (2007b) afirma não ser possível separar o estudo da identidade do indivíduo do da sociedade da qual este faz parte. Ele diz que *é do contexto histórico e social em que o homem vive que decorrem suas determinações e, consequentemente, emergem as possibilidades ou impossibilidades, os modos e as alternativas de identidade (p. 72)*.

Mas afinal, o que é a identidade? Tentaremos explicar.

Segundo este autor (2007a), em linguagem de dicionário, pode-se dizer que identidade é *o reconhecimento de que um indivíduo é o próprio de quem se trata; é aquilo que prova ser uma pessoa determinada, e não outra (p. 137)*.

Para Miranda (2005), *identidade é como o sujeito se percebe* (p. 22).

Bock, Furtado & Teixeira (2003) dizem: *identidade é o igual a si mesmo* (p. 204). Ao discorrer sobre este assunto, eles introduzem citações dadas por outros especialistas, como por exemplo, a do antropólogo e educador Carlos R. Brandão que fala da identidade como sendo *o sentimento pessoal e a consciência da posse de um eu*, (o que torna cada indivíduo um ser singular diante dos outros seres, dos outros “eus”) e *ao mesmo tempo, o reconhecimento individual dessa exclusividade*. Ele também traz para a discussão outras idéias, como por exemplo, de permanência, manutenção, distinção de uma unidade, relação com os outros e transformação.

Está clara a compreensão da identidade agora? Como é que você se percebe? Quem é o seu eu diante de tantos outros eus? O que o torna uma pessoa determinada e não outra? *Será tão fácil dizer quem somos?* (Ciampa 2007b, p.59).

Quem é você? Pronto? Respondeu de forma a qualquer pessoa, depois de ouvir sua resposta poder afirmar que o conhece? Sua resposta torna possível você se mostrar ao outro (e, ao mesmo tempo, você se reconhecer) de forma total e transparente, de modo a não haver nenhuma dúvida, nenhum segredo a seu respeito? Sua resposta produz um conhecimento que o torna perfeitamente previsível? Ninguém (nem mesmo você), depois de conhecer essa resposta, terá dúvida sobre como você vai agir, pensar, sentir, em qualquer situação que surja? (p. 58).

De acordo com Ciampa (2007b), não é simples responder esta questão, como pode parecer à primeira vista. Para ele, se formos sinceros reconheceremos que todas estas questões mencionadas acima podem ter levantado algumas dúvidas. Para ele, perguntas como: Quem é você? Quem sou eu? indicam a busca pelo (re)conhecimento da identidade, são os “instrumentos” que utilizamos socialmente para poder conhecer alguém e nós

mesmos, porém, se mostram limitadas quando o objetivo é apreender a identidade, devido a natureza das respostas dadas.

Bock, Furtado & Teixeira (2003) também dizem não ser simples dizer quem somos nós e quem são os outros. Segundo os autores, estes questionamentos além de desafiadores, são antigos, eles acompanham a história da humanidade. Eles dizem:

*Na Grécia Antiga, na cidade de Delfos, havia o oráculo do deus Apolo, em cujo frontispício havia o lema: "Conhece-te a ti mesmo". Na famosa tragédia de Sófocles (Édipo rei), em dúvida quanto à sua origem, Édipo procura este oráculo para saber quem ele é – sua identidade – e a resposta é aterradora: Édipo é aquele que dormiria com a própria mãe e mataria o pai. Muitos séculos depois, Shakespeare escreveria uma peça – **Hamlet** – cujo mote se vulgarizou: "ser ou não ser...eis a questão". No início deste século, Machado de Assis escreve um romance – **Dom Casmurro** – que é um primor enquanto desafio para a compreensão de quem é a personagem principal, Capitu (p. 203-204).*

Mas quais são as respostas que damos quando tais questionamentos surgem? Precisamos conhecê-las para assim podermos compreender melhor esta idéia de limitação da qual nos fala Ciampa.

Segundo o próprio autor (2007b), quando procuramos conhecer alguém, conhecer nós mesmos, apresentar a nossa identidade ou a de alguém, a nossa dificuldade consiste apenas em obter ou fornecer *informações necessárias* que podem variar de acordo com os nossos interesses.

Ele diz que estas informações são fornecidas inicialmente, como hábito, através de um nome próprio. Posteriormente estas passam a ser o papel social (segundo Ciampa -2007a- especialmente pelos papéis), posição social, etc. São substantivos próprios, comuns, adjetivos. Ciampa (2007b) diz: (...)se

olharmos o dicionário, veremos que substantivo é a palavra que designa o ser, que nomeia o ser (p. 63).

A identidade assim assume a forma de um nome, de uma papel, etc. Ela se representa desta forma. Porém, conforme diz Ciampa (2007a), a forma *personagem* pode expressar melhor isso na sua generalidade.

*Um nome, efetivamente, nomeia uma personagem. No teatro isto fica claro: um ator representa “Hamlet” e poderá dizer que é seu papel. Um papel, de fato, pelo menos em termos de identidade, designa uma **personagem** (p. 134).*

Portanto uma das observações que ele faz é que a identidade neste nível aparece como a descrição de uma personagem (*uma história com enredo, personagens, cenários, etc.*), ou seja, como *personagem que surge num discurso (nossa resposta, nossa história)* (Ciampa, 2007b, p. 60). A personagem do discurso é uma representação da identidade, não é a identidade em si.

Está claro que o nome não é a identidade; é uma representação dela. Posso representá-la de outras formas, além de usar nomes próprios: este recém-nascido, o filho de fulano, etc (Ciampa, 2007a, p. 132)

Mas será que está forma de representar a identidade revela a realidade sobre ela? Segundo Ciampa (2007b), nós supomos que sim, supomos que estas informações são o retrato da realidade, nós não problematizamos a questão.

O grande problema para Ciampa (2007a) está exatamente neste fato, o de aceitarmos as respostas dadas como verdadeiras, sem problematizá-las. Nós não duvidamos da apresentação das pessoas, assim como

desconsideramos a sua história, o seu passado, nós nos fixamos na informação presente e isso acontece com o representado também, quando fornecer as informações. Como consequência, esse tipo de resposta, aonde as palavras são nomes próprios, faz com que os indivíduos apareçam como seres isolados, a identidade como algo imediato; *um traço estático que define o ser* (p.135).

Para ele (2007b), quando descrevemos a identidade desta forma, nós falamos das pessoas como se elas fossem sempre iguais e não se modificassem.

Bock, Furtado & Teixeira (2003), problematizam a possibilidade de alguém sempre ser igual a si mesmo e a possibilidade da identidade mudar. Defendem a idéia de que as pessoas mudam embora continuem elas mesmas.

Ciampa (2007b), diz que:

Basta observarmos nossos próximos, basta nos observarmos. No mínimo, as pessoas ficam mais velhas: a criança se torna adulto; o adulto, ancião. No máximo... o que seria no máximo? “ Não reconheço mais Fulano, é outra pessoa!” Há mudanças mais ou menos... mudanças (p.61).

Conforme diz Oliveira (2004), *a identidade tende a ser constantemente modificada ou remodelada no processo das relações sociais, tornando-se fluida, móvel, híbrida, contraditória, instável* (p. 124).

Portanto, falar que a identidade das pessoas não muda para os autores, é falso. *O ser humano se transforma inevitavelmente* (Ciampa, 2007a, p. 165).

Ciampa (2007a) afirma que a identidade é um fenômeno psicossocial; é um construto permanente; tem movimento; tem contradição; não está dada a priori e nem definitivamente; está em relação; é história e o que expressa seu real movimento é a expressão *vida-morte-e-vida – metamorfose*.

Baseando-se em Heidegger e Hegel, Ciampa (2007a) traz para a discussão as categorias matéria (que se aplica a totalidade do real) e possibilidade. Explica que cada coisa é uma formação material, a sociedade, a instituição, a família, um grupo, como também um ser humano, *todos são formações materiais particulares em relações recíprocas (p.150)*. uma parte material da totalidade do real.

Ao falar sobre isso, ele propõe a materialidade da identidade e diz que uma das propriedades da matéria é a possibilidade de se transformar. Segundo ele :

Isso de forma alguma conflita com a noção de identidade-metamorfose, exatamente porque a possibilidade é uma propriedade da matéria, propriedades que toda e qualquer formação apresenta, como parte da totalidade (matéria) (Ciampa, 2007a, p. 151).

Então, de acordo com este pensamento, tudo se transforma. Segundo Miranda (2005), a identidade é processo de transformação, processo que se dá nas relações, na temporalidade e não é visível, por conta da sua materialidade.

Para falar sobre a categoria possibilidade, o autor parafraseia Cheptulin (1982, p. 338), que diz: *Podemos definir a realidade como uma possibilidade já realizada e a possibilidade como realidade potencial, (o que se explica pela capacidade) das coisas materiais (da matéria) de passar uma nas outras (Ciampa, 2007a, p. 151).*

Sendo assim, a possibilidade de transformação - possibilidade de se metamorfosear é afirmada como uma característica da identidade. De acordo com Miranda (2005), que se baseia em Ciampa, *metamorfose não é a definição de identidade, e sim uma “característica” sua (p. 22).*

Para Ciampa (2007a), a afirmação de que a metamorfose é uma característica da identidade é óbvia, *ela falou através das narrativas, ela não precisa de outras explicações, além de sua própria manifestação (p.147).*

Segundo ele, *como o real é sempre movimento, transformação incessante não deveria nem mesmo atrair a nossa atenção uma afirmação como essa (p.148)*. No entanto, comenta que ela atrai e aparece frequentemente como não-metamorfose. E neste caso, ele diz que a verdadeira questão a ser explicada é a da não-metamorfose como forma de identidade. Se o princípio é de que a identidade se transforma, precisamos entender porque então que ela aparece dessa forma, como não metamorfose.

Conforme diz Ciampa (2007a), *num primeiro momento somos levados a ver a identidade como um traço estático que define o ser. O indivíduo aparece isolado, sua identidade como algo imediato, imutável (p. 130)*.

Seria mais ou menos uma idéia de identidade pronta, acabada, natural; uma identidade preexistente; isolada, independente de qualquer coisa; fixa, rígida, que está dada de uma vez por todas; uma identidade natural, que nasce com indivíduo. A identidade como não-metamorfose.

Para ele (2007a), isso acontece porque a *nossa linguagem cotidiana tem dificuldades de falar do ser como atividade – como acontecer, como suceder (p. 133)*. Ele explica que essa dificuldade nos faz representar a identidade através de proposições substantivas (ex: Eu sou professor; Ele é professor), ao invés de proposições verbais (ex: Eu dou aulas; Ele dá aulas), o que cria a ilusão de que o indivíduo seria dotado de uma substância, *substância que se expressaria através dele (p. 133)*. Por exemplo, é muito comum ouvirmos os seguintes dizeres: ele tem o dom para...; nasceu para ser...; está no sangue, etc. Ciampa (2007b) exemplifica: *“sou brasileiro”, substância = “brasilidade” / “sou homem”, substância = “masculinidade” (p. 64)*. O entendimento, portanto é de que essa substância é do indivíduo, ela nasceu com ele, como se estivesse *embutido* dentro dele, dependendo apenas das condições sociais para poder se manifestar ou não, mas ela já é preexistente. As explicações para essa determinação podem variar, desde “porque Deus quis assim...” até “porque é genético”, mas seja qual for ela, a concepção é a mesma.

Desta maneira, o indivíduo está isolado, é imediato, está definido, pronto e acabado em sua essência. As mudanças que possivelmente venham a

ocorrer são interpretadas aqui como a realização de algo que já existia previamente, não, por exemplo, como consequência das múltiplas e complexas relações sociais as quais os homens estão sujeitos, conforme acreditamos.

Segundo ele (2007a), a representação da identidade traduzível através de proposições substantivas (uma personagem substancial), que sugere um indivíduo essencialmente natural, constitui o dado, aparece como um produto; um fim, sempre presente. Essa representação é exatamente o que produz a idéia do isolamento; da estabilidade; do imediatismo, da completude; da imutabilidade do homem. O ser naturalmente dado é alguma coisa porque é, a sua explicação se encerra nele mesmo. E, além disso, a “crença” é de que se ele é alguma coisa, ele não pode ser outra ao mesmo tempo.

Desse jeito, o ser não aparece como relação social (está isolado); não aparece em construção (ele é imediato, está dado, finalizado no seu potencial de ser) e não aparece se transformando constantemente (é entendido como um ser imutável que já está determinado).

Ciampa (2007a), diz que deixamos de lado uma questão fundamental para a compreensão da identidade enquanto metamorfose e que exatamente por isso aparece posta como não metamorfose, isto é, o questionamento de como se dá o dado, de como se produz o produto. Segundo ele (Lane), nós aceitamos as informações fornecidas sobre a identidade como se elas fossem o retrato da realidade, não problematizamos o indivíduo na sua ação.

Ao dar nome a alguém, ao chamar alguém de uma maneira, torno esse alguém determinado. Isso, porém, pode me fazer esquecer o momento anterior em que esse alguém se tornou presente para mim, separando-se como um objeto para a minha consciência (Ciampa, 2007a, p. 132).

O grande problema do dado é que ele capta apenas o aspecto representacional da identidade (enquanto produto), deixando de lado o seu aspecto constitutivo (enquanto produção), *bem como as implicações recíprocas*

destes dois aspectos (Ciampa, 2007a, p. 170). Por mais que os dados sejam abundantes e fidedignos, não são suficientes para se fazer conhecida a identidade de alguém. Os dados falam apenas de um tempo presente, eles desconsideram a história; desconsideram o passado, o presente e o futuro como partes de um mesmo todo. Eles retiram fundamentalmente o caráter ativo, social e histórico do homem.

(...)e o Severino já nos mostrou isso – quanto mais dados ele fornecia (na sua auto-apresentação), mais se evidenciava a dificuldade de fazer conhecida sua identidade. Que solução encontrou? Deixar de falar dados e pedir que nós o observássemos na sua ação (migrar). Isso nos permitiu descobrir que somos atividade e que o dado é o resultado do dar-se (Ciampa, 2007a, p.153).

É a partir da prática que o indivíduo constrói sua identidade, sua história de vida, (...)nós somos nossas ações (a não ser por gozação, você chamaria “trabalhador” alguém que não trabalhasse?) (Ciampa, 2007b, p.64). Segundo Bock, Furtado & Teixeira (2003):

É a atividade que constrói a identidade (p. 206).

De acordo com Ciampa (2007a), a categoria atividade é fundamental para a psicologia social estudar o homem. Ao lado dela estão necessariamente outras duas, com a mesma importância destacada, a consciência e a identidade. São as três categorias fundamentais para o estudo do homem, sendo as três indissociáveis e partes da mesma unidade(...) (...) estão em processo constante de transformação (Miranda, 2005, p. 22).

Para Miranda (2005), que se baseia essencialmente em Ciampa, a análise da identidade de um indivíduo é possível, quando levamos em conta a sua atividade e a sua consciência. Por se tratar de categorias em

transformação, a autora esclarece que a análise se dá na unidade que elas compõem e não em apenas uma delas. Ela diz:

Se pararmos para prestar atenção em nós mesmos, vamos observar claramente o quanto elas são intrínsecas e indivisíveis: nossa atividade, que pode ser exemplificada por nossa profissão, quando se transforma, muda também nossa consciência, em relação a nós mesmos e em relação ao mundo, e muda a nossa identidade (p. 22).

Ciampa (2007a) ao falar sobre estas categorias afirma que a identidade é a *mesmidade de pensar e ser (p.143)*, ou seja, o mesmo enquanto identidade é ao mesmo tempo pensar (consciência) e ser (atividade), é um todo só.

Considerando isso e concluindo que para avançar no estudo da identidade em busca de sua compreensão é necessário se fazer a análise do próprio processo de produção do dado (o dar-se do dado), do próprio processo de produção do produto, ele diz que:

(...)transforma-se radicalmente o pesquisar sobre identidade. Anteriormente, a questão se colocava como descritiva apenas; o desafio era obter o maior número possível de informações. Agora, a questão é de compreensão, de entendimento: precisamos captar os significados implícitos, considerar o jogo das aparências. A preocupação é com o que se oculta, fundamentalmente com o que se mostra velado (p. 138-139).

Para isso, ele propõe que o ponto de partida seja a própria representação da identidade, considerando-a como processo de produção, *de tal forma que a identidade passe a ser entendida como o próprio processo de identificação (p. 160).*

O conhecimento do EU (processo de identificação pessoal) só é possível a partir da relação com o OUTRO. Podemos dizer que é assim que se constrói o sentimento de se possuir um EU, a consciência de se ser alguém.

O conhecimento de si é dado pelo reconhecimento recíproco dos indivíduos identificados através de um determinado grupo social que existe objetivamente, com sua história, suas tradições, suas normas, seus interesses, etc. (Um grupo pode existir objetivamente, por exemplo, uma classe social, mas seus componentes podem não se identificar como seus membros, e nem se reconhecerem reciprocamente. (...)) (Ciampa in Lane, 2007b, p. 64).

Segundo Bock, Furtado & Teixeira (2003), as correntes da psicologia nos ensinam que o reconhecimento do eu se estabelece na medida em que aprendemos a nos diferenciar do outro. Ser alguém está atrelado ao descobrimento do outro e sem isso não podemos saber quem somos. A falta de elementos de comparação, não permite tal sabedoria.

*Eu passo a ser alguém quando descubro o outro(...).
(...)podemos dizer que a identidade, o igual a si mesmo,
depende da sua diferenciação em relação ao outro. (p. 204).*

No entanto, o OUTRO é alguém com o qual nos igualamos também, que compartilha algo igual, representam o nosso modelo de ser, o nosso referencial de existência.

Por exemplo: A nossa família! Geralmente ela é o primeiro grupo social de que fazemos parte. A nomeação que recebemos dela nos identifica no conjunto dela, ao mesmo tempo, nos igualando e nos diferenciando.

Na família o prenome nos separa, nos diferencia de nossos familiares(...) O sobrenome nos assimila, iguala-nos a nossos familiares (Ciampa, 2007a, p. 138).

Posteriormente, vamos nos identificando e sendo identificados conforme os diversos grupos sociais de que vamos fazendo parte.

(...)brasileiro, igual a outro brasileiro, diferente dos estrangeiros (“nós os brasileiros somos... enquanto os estrangeiros são...”); homem ou mulher (“os homens são... enquanto as mulheres são”) (Ciampa in lane, 2007b, p.63).

É desta forma que vamos nos identificando, que vamos sendo identificados. Revela-se um dos segredos da identidade, ela é a articulação da igualdade e da diferença.

Pode-se notar que é a sociedade que oferece os padrões de identidade para os sujeitos se identificarem, desde os nomes recebidos ao nascer, dos papéis que podem representar, etc.

Segundo Ciampa (2007a), a representação da identidade enquanto produto pressupõe a existência de um processo anterior de representação, uma representação prévia, que faz parte da constituição do indivíduo representado e que foi construída pelos homens em sociedade no decurso da história.

Ele diz que uma identidade é sempre pressuposta, ou seja, ela é pré-determinada, ela é anterior ao indivíduo representado. Posteriormente essa representação é interiorizada pelo indivíduo, *de tal forma que seu processo interno de representação é incorporado na sua objetividade social* (p. 161).

No entanto, a representação prévia não é suficiente para que a representação/produto de fato se concretize na objetividade social. Esse fato vai depender da confirmação dessa representação através de comportamentos que a reforcem e isso se dá nas relações sociais em que o indivíduo está inserido. Devemos lembrar que o homem é um ser social.

Contudo, conforme exemplifica Ciampa (2007a):

É na medida em que é pressuposta a identidade daquela criança como filho (e os adultos em questão como pais) que os comportamentos vão ocorrer, caracterizando a relação paterno-filial (p. 162).

É importante compreender que a pressuposição da identidade do indivíduo representado é uma condição para que a representação possa ocorrer na objetividade social.

Portanto, a representação da identidade pressuposta é de um lado consequência das relações que se dão e de outro uma condição dessas relações.

Então, para que estas relações continuem se dando é necessário que a representação sempre se faça presente, caso contrário os objetivos sociais como o filho, o pai, a família, deixam de existir objetivamente (*ainda que possam sobreviver seus organismos físicos, meros suportes que encarnam a objetividade social*) (p.163). Desta forma, para garantir isso, a identidade pressuposta é re-posta, sustentando a existência destes objetivos sociais.

Quando a identidade pressuposta é re-posta acontece um fato que poderá explicar melhor a questão da identidade como não-metamorfose. A reposição de uma identidade pressuposta é vista como *dada* e não como se *dando* num contínuo processo de identificação. Ela aparece de uma maneira estática, esgotada como um produto, está dada definitivamente. Isto quer dizer que ela aparece, como um produto final.

É como se uma vez identificada a pessoa, a produção de sua identidade se esgotasse com o produto. Na linguagem corrente dizemos “eu sou filho”; dificilmente alguém dirá “estou sendo filho” (p. 66).

A identidade que está sendo re-posta aparece como *dada* permanentemente, como um dado atemporal e não como a reposição a cada tempo (portanto temporal) de uma identidade que uma vez foi posta; *não como um dar-se constante, que expressa o movimento do real* (p. 171). O indivíduo por sua vez, conforme dito anteriormente passa a ser visto como idêntico a si mesmo, como dado para todo o sempre, um ser estável e permanente.

A mesmice de mim é pressuposta como dada permanentemente e não como re-posição de uma identidade que uma vez foi posta (p.164).

Ainda que a nossa situação concreta tenha mudado completamente, radicalmente, alguns personagens ainda sobrevivem como representação da nossa identidade; mesmo que a atividade que engendrou a personagem não exista mais na objetividade social. Isto segundo o autor acontece porque interiorizamos aquilo que nos é predicado de tal forma que a atividade coisifica-se sob a forma de uma personagem. Por exemplo, quando se diz: *Severino é lavrador, enquanto este já não lavra mais (p. 133)*. A personagem Severino-lavrador exerce poder sobre o indivíduo, o que mantém e re-produz a sua identidade, *mesmo que ele esteja envolvido em outra atividade (p.139)*.

De certa forma, re-atualizamos, através de rituais sociais, uma identidade pressuposta, que assim é vista como algo dado (e não se dando continuamente através da re-posição). O movimento de manutenção e reprodução da identidade é denominado por Ciampa (2007a), “fetichismo da personagem”, que explica “a quase impossibilidade de um indivíduo atingir a condição de ser-para-si” e oculta “a verdadeira natureza da identidade como metamorfose, gerando o que será chamado identidade-mito” (p.140).

Segundo ele, o indivíduo, enquanto ser social, ao comparecer perante alguém se representa a partir da pressuposição de uma identidade, como representante de si mesmo; *como uma personagem (chamada por um nome, Fulano, ou por um papel, o Papai, etc.), como uma totalidade...parcial (p. 170)*.

Para Miranda (2005), *a personagem é a identidade que o sujeito tem de si mesmo num determinado momento (p. 23)*. Isto nos permite dizer então que a cada momento da vida, o indivíduo tem uma identidade de si mesmo.

Os momentos específicos da nossa vida cotidiana como que indicam uma forma determinada de ser, uma forma esperada de ser para aquele momento. Quando o indivíduo se identifica com essa forma de ser, ele a

encarna, configurando uma personagem, que se adéqua para aquele momento, para aquela situação específica da vida. Ex: Frente ao professor, a identidade do aprendiz é identificada por ele e pelos outros como a personagem-aluno, indicando uma forma de ser para este momento, o mesmo pode ser dito da relação pai-filho, patrão-empregado e assim por diante. Disto, retira-se a conclusão de que somos um conjunto de personagens, que de acordo com uma situação específica, se destacam, enquanto os outros ficam escondidos.

No entanto, não é possível que todas as personagens com as quais o indivíduo se identifica, nos diversos momentos da sua vida, das relações que se estabelecem, apareçam sempre, todas juntas. O momento de cada uma é o que compõe a totalidade.

Ciampa (2007a), diz:

Em cada momento de minha existência, embora eu seja uma totalidade, manifesta-se uma parte de mim como desdobramento das múltiplas determinações a que estou sujeito. (...) Em cada momento, é impossível expressar a totalidade de mim; posso falar por mim, agir por mim, mas sempre estou sendo o representante de mim mesmo (p. 170-171).

A consequência disto é que a minha representação é pressuposta como sendo a totalidade de mim, e não como parte da minha totalidade. Desta maneira, ao comparecer frente a alguém como representante de mim mesmo (parte da totalidade), oculto e nego uma série de outras partes que também sou eu, sem estar sendo naquele momento específico. Isto significa que o indivíduo nega a si mesmo. Existe como negação de si mesmo.

Ciampa (2007a) explica todo esse movimento através do tríplice sentido da atividade representar. Cada comparecimento do indivíduo frente a alguém envolve representação em três sentido, vejamos: 1º sentido – *representar*,

quando compareço como o representante de mim (com uma identidade pressuposta); 2º sentido – representar, quando desempenho papéis decorrentes de minhas posições (ocultando as outras partes da minha totalidade); 3º sentido – quando reponho no presente o que tenho sido, quando reitero a apresentação de mim (caracterizando a minha mesmice como dada permanentemente e não como reposição no presente de uma identidade que um vez foi posta) (p.179).

Precisamos entender que quando compareço como representante de mim (1º sentido) representando um papel (2º sentido) e repondo ele no presente (3º sentido) transformo-me num diferente de mim porque oculto as minhas outras partes que também me constituem. Ou seja, esse *outro* que represento (2º sentido), que sou eu mesmo, quando é repostado (3º sentido) no presente, impede que os meus outros *outros* apareçam. Por isso a identidade se cristaliza e não representa o ser real, total, ou seja, a identidade verdadeiramente falando. Se deixarmos de representar no 3º sentido, permitiremos que o outro *outro* se manifeste, negando a negação dele, isto é, a negando a negação de mim.

Segundo o autor, o indivíduo só pode *comparecer no mundo frente a outrem como representante do seu ser real, quando ocorrer a negação da negação, entendida como deixar de presentificar uma apresentação de mim que foi cristalizada em momentos anteriores(...)*” (Ciampa in Lane, 2007b, p.70).

Desta forma, a totalidade de mim se expressaria quando eu me representasse no 1º sentido. O eu apareceria sempre como diferente de si mesmo, de fato como sendo ele mesmo. Ciampa (2007a) fala que:

*Isso consiste na **alterização** da minha identidade, na eliminação de minha identidade pressuposta (que deixa de ser repostada) e no desenvolvimento de uma identidade posta como metamorfose constante, em que toda humanidade contida em mim se concretiza (p.181).*

Expressar toda a humanidade que existe em um indivíduo, significa a vivência de várias possibilidades de experiência, o que possibilita o novo, a transformação, através de outros sentimentos, de outros pensamentos, etc.

Na medida em que o indivíduo nega a negação de si, ele emancipa-se em relação a ele mesmo.

Segundo Santos (2009), isso significa maior consciência em relação a aquilo que somos verdadeiramente, àquilo que queremos ser e *uma alternativa em procurar melhorias práticas no interior das formas de vida (p. 91)*. A conscientização do ser em relação a ele e aos outros permite a superação de visões estreitas, que se sustentam por convenções, visões que se conformam com o imobilismo.

De acordo com o autor, este posicionamento frente à vida, de negar aquilo que nega o indivíduo, constitui o que ele diz ser a identidade pós-convencional da qual fala Habermas. Segundo ele (2009), a identidade pós-convencional representa a capacidade dos indivíduos de *recusar, questionar ou contestar o que ele acha de errado nos papéis apreendidos, uma vez que passa a perceber a diferença que existe entre as normas vigentes ou herdadas e a possibilidade de produzir normas, ou até mesmo de reformular normas já existentes (p. 104)*.

Concretamente a identidade pós-convencional/emancipatória é a postura crítica diante do tradicional, daquilo que se convencionou como sendo a verdade, o correto. Esta é a verdadeira emancipação do homem em relação a ele mesmo. É a busca de formas mais interessantes e diferentes de ser, de acordo com os desejos, vontades e necessidades dos indivíduos, num processo permanente e contínuo.

Considerando de um lado a sociedade em que vivemos (a que impede muitas vezes que identidades se concretizem) e de outro o novo que pode ser construído infinitamente (a metamorfose humana se concretizando), Ciampa (2007) diz que a questão da identidade implica necessariamente pensar projetos políticos de identidade *que possam tender, convergir ou concorrer*

para a transformação real de nossas condições de existência, de modo que o verdadeiro sujeito humano venha à existência (p.73).

É importante que tenha ficado claro que é exatamente quando o indivíduo humano vem à existência, que a transformação do seu ser se coloca como possibilidade, caso contrário ele permanece o mesmo. Portanto o caminho é buscar meios para que as pessoas possam expressar tudo aquilo que elas são, sem barreiras.

Identidade é movimento, é desenvolvimento do concreto. Identidade é metamorfose. É sermos o Um e um Outro, para que cheguemos a ser Um, numa infindável transformação (Ciampa, Lane, p. 74).

CAPÍTULO III: ANÁLISE

Esta análise tem como objetivo principal realizar um estudo de identidade fundamentado na teoria psicossocial da identidade apresentada no capítulo II, através da história de vida de Ernesto Guevara de la Serna contada por ele próprio.

Outro objetivo, é lançar luz sobre uma questão que nos parece bastante interessante e importante para o crescimento humano e que pode vir a se somar à literatura já existente sobre o assunto identidade, isto é, sobre a relação entre o registro escrito de experiências vividas; de si e a identidade posta como metamorfose constante. Conforme vimos no capítulo I, a escrita de si aparece como uma atividade de reflexão que pode possibilitar a alterização do ser.

Desde o início, a escolha pela análise da identidade do Che Guevara teve um motivo especial, que dependeu da admiração pelo personagem e de algumas palavras encontradas na contra capa e nas páginas iniciais do livro de sua autoria intitulado: *De moto pela américa do sul: diário de viagem*, aonde ele diz:

O homem, que é a medida de todas as coisas, fala através de mim e reconta por minhas palavras o que meus olhos viram. (...) A pessoa que tomou estas notas morreu no dia em que pisou em solo argentino. A pessoa que está agora reorganizando e polindo estas mesmas notas, eu, não sou mais eu, pelo menos não sou o mesmo que era antes. Esse vagar sem rumo pelos caminhos de nossa Maiúscula América me transformou mais do que me dei conta.

A escuta destas palavras remeteu imediatamente à identidade metamorfose apresentada por Ciampa (2007a) e, além disso, representou a oportunidade de buscarmos unir teoria e prática já partindo de uma informação bastante positiva em relação à identidade proposta, isto é, a identidade posta como metamorfose.

Os diários escritos pelo Che durante os nove meses em que esteve ao lado de Alberto Granado Jiménez viajando pela América do Sul, foram reescritos por ele mesmo, em forma narrativa, quando já estava na Argentina.

A história recontada neste livro fornece ao leitor a descrição do momento que antecedeu a viagem (meados de dezembro de 1951) até o seu final (setembro de 1952). Depoimentos de seu pai, Ernesto Guevara Lynch, no prólogo e no epílogo e algumas correspondências que ele Che enviava para os pais durante a viagem, ajudam também a contar essa história.

Consideramos que este livro é um instrumento bastante rico para essa análise porque ele contempla o Che e o Alberto em ação, representados momento após momento através das suas atividades, das relações com as pessoas, dos lugares que visitavam, dos seus pensamentos, sentimentos, idéias, etc.

E o personagem Severino em Ciampa (2007a) nos falou da necessidade de o observarmos em ação, no seu migrar, para conhecermos a sua identidade. Pois bem, faremos exatamente isso para conhecer a identidade de Che Guevara. Vamos acompanhá-lo pelos seus caminhos na *Maiúscula América*, para podermos compreender a afirmação feita por ele acima sobre a sua identidade.

Como uma maneira de buscar, em outras épocas de sua vida, informações que possam ser úteis para esta análise, utilizaremos também a biografia de Che escrita por Taibo II (1997) (que cita trechos de documentos originais de Che: diários, discursos, poemas, livros, conferências, etc. Segundo ele, o Che é o segundo narrador da história).

Logo no início do diário apresenta o Che aparece falando de si alguns meses antes de ir viajar. Diz que estava em Córdoba na casa de seu amigo Alberto em um dia de feriado compartilhando os últimos acontecimentos das suas vidas, que classifica de *vidas miseráveis*. Recorda-se: *Andava inquieto, em grande parte porque eu era um sonhador e um espírito livre e não agüentava mais a escola de medicina, os hospitais e as provas que tinha de fazer*. A primeira apresentação que ele faz de si é a de um sonhador – espírito livre – insatisfeito com a vida acadêmica.

Na biografia citada acima, observamos que ele também aparece sonhando, também se apresenta como um sonhador, mas como um sonhador diferente. Ele fala de si da época em que iniciou o curso de medicina e diz:

Eu queria vencer, como todo mundo quer vencer; sonhava em ser um pesquisador famoso, sonhava em trabalhar infatigavelmente para conseguir algo que pudesse ser, definitivamente, posto à disposição da humanidade, mas naquele momento era um triunfo pessoal (p. 35-36).

Estes dois momentos da vida dele quando colocados um ao lado do outro mostram nitidamente que ocorreu uma transformação. Alguns anos após o início dos estudos na escola de medicina, ele não aparece mais se apresentando como o sonhador – pesquisador famoso – trabalhador incansável, mas como o sonhador – espírito livre – insatisfeito com a vida acadêmica. Não sonhava mais em vencer na vida *como todo mundo quer vencer*, pelo contrário, ele sonhava em viajar livremente pelo mundo. Ele diz: *Nossas fantasias nos levavam a lugares distantes, a mares tropicais, a viagens através da Ásia*. Ernesto não agüentava mais a sua vida.

Mas o que foi que aconteceu com ele? Porque passou a sonhar com coisas diferentes? O que foi que provocou essa mudança? Vejamos:

Quando começou a estudar medicina, ele queria e planejava ser uma pessoa vencedora. Podemos supor, através da relação que ele estabelece

entre o início dos estudos e a vontade de querer crescer na vida e também através da realidade social, política e econômica próprias do modo capitalista de produção, que um dos meios encontrados por ele para a concretização deste desejo foi o curso superior.

Mas isto é uma suposição. O que podemos afirmar de fato é que o curso superior foi uma escolha sua em um determinado momento da sua vida. Mas isso não significa dizer que ele estava destinado a fazer esta escolha, a cursar uma faculdade. Além do fato de a sociedade fornecer os padrões de identidade, de identificação, existe a mãe dele, por exemplo, que tem a opinião de que *“um diploma nunca é demais”* (Taibo II, 1997, p. 45). De acordo com Taibo II, Célia desejava a sua formação e pede para Alberto, no momento da despedida, *que faça o possível para convencer Ernesto a voltar para se formar* (p. 45). São os outros nos representando, nos atribuindo características e formas de ser, pensar e agir. E conforme diz o Ciampa (2007a), podemos internalizar essa representação, que dependendo das condições reais, pode ou não se concretizar.

Após uma tentativa frustrada pelos caminhos da engenharia, ele acabou escolhendo a medicina. Sem entrarmos no mérito desta escolha, o que observamos neste estudo, é que a escola de medicina e suas obrigações, aparecem, desde o primeiro ano do curso, como uma realidade pouco motivadora para ele. Taibo II (1997) diz que durante o primeiro ano, Che permanecia boa parte do seu tempo na biblioteca da faculdade, mas não se dedicava muito sobre as leituras de medicina. Desta área ele se limitava a ler apenas o que lhe interessava e não necessariamente o que o curso indicava. Segundo o autor, ele lia sobre outros assuntos (literaturas, psicologia).

A motivação em relação à medicina continuou pequena também no decorrer do segundo ano da faculdade. Conta o autor, que nessa época ele planejou e executou uma viagem em pleno período de aulas e disse para os seus colegas:

*Enquanto vocês ficam aqui preparando essas três disciplinas,
eu penso em percorrer a província de Santa Fé, o norte de*

Córdoba e o leste de Mendoza, e no caminho estudar algumas matérias, para passar nos exames(Taibo II, 1997, p. 38).

Segundo o mesmo autor, ele partiu sozinho de Buenos Aires e percorreu 4,5 mil quilômetros pela Argentina montado em sua bicicleta que adaptou com motor especialmente para esta viagem. Não tinha local definido para ficar, andava com pouco dinheiro, trabalhava aqui e ali, comia e dormia mal muitas vezes. Foi improvisando.

Pois bem, se nos basearmos no tríplice sentido da representação proposto por Ciampa (2007a), entenderemos que enquanto ele se apresentava como representante de si (1º sentido), representando o papel do estudante (uma parte dele) que quer crescer na vida (2º sentido) e repondo sempre no presente essa representação (3º sentido), ele negava uma série de outros outros que também eram ele (a sua totalidade), sem que estivesse sendo no entanto. Ele se transformava num diferente dele. O Che que adorava histórias de aventuras e viagens e que viajava através delas, por exemplo, é negado.

A partir do momento em que ele não está satisfeito com a sua atividade e não repõe mais essa representação, ele nega o que a identidade de estudante de medicina (que é uma identidade pressuposta, isto é está dada) negava, isto é, o Che que adorava e viajava através dos livros; o viajante. E então dadas as condições reais, ele se permite viver esse outro outro que também era ele. É uma outra parte dele, que foi sendo construída no decorrer da sua vida, se concretizando.

Podendo ser o Che viajante ele experiência coisas novas e diz que descobriu uma coisa: *Me dou conta que amadureceu em mim algo que há tempo crescia dentro do bulício urbano: é o ódio à civilização, a imagem grosseira das pessoas se movimentando como loucas ao compasso desse tremendo ruído (Taibo II, 1997, p. 40).* Ser viajante permitiu a consciência de um outro outro, o que odeia a civilização e que também era ele, mas que não estava amadurecido, estava em construção.

De acordo com Taibo (1997), Che diz nas notas desta viagem que se deu conta disso a partir de um questionamento feito por um senhor vagabundo com quem compartilhou uma noite de sono em um sumidouro. Quando o homem tomou conhecimento da viagem que ele estava fazendo, lhe perguntou: *Você gasta inutilmente todo esse esforço?* (p.39).

A partir deste questionamento, relacionado às experiências da sua vida, incluindo as que estava vivendo, o enfrentamento entre a forma de vida antiga e a nova se deu e foi então que a aversão à civilização urbana se revelou para ele. A vivência desses dois modos de vida resultou nisso. Ele se conscientizou do ódio que sentia por ela. Segundo Ciampa (2007b), identidade é isso: *é sermos o Um e um Outro, para que cheguemos a ser Um, numa infundável transformação* (p. 74).

A viagem acabou, ele voltou para a sua cidade e continuou os seus estudos na escola de medicina, voltou a repor o sua identidade de estudante. O que haveria acontecido com o Che que passa a sentir ódio?

Poucos anos mais tarde, em um dia despretenso de feriado, se bem que propício (porque estava na companhia de alguém que tinha aspirações em comum e sonhos parecidos), o Che que se sentia insatisfeito com a escola de medicina e que era sonhador, apareceu novamente. Ele se apresentou como representante de si perante Alberto desta forma e este que, por sua vez, andava parecido, também perante ele. Se identificaram e o assunto “insatisfação” ganhou importância e espaço de expressão, o que fez os dois de fato sonharem em viajar pelo mundo. Ele diz em seus reescritos da viagem: *E, de repente, escorregando como se fizesse parte de uma dessas fantasias, veio a pergunta: “Porque nós não vamos para a América do Norte?” “América do Norte? Como assim?” “Com La Poderosa, cara”*.

Che não se representou novamente como o estudante de medicina pressuposto, mas sim como o insatisfeito, que o permitiu viver seus outros outros, que também eram ele, isto é, o sonhador – espírito livre – insatisfeito, que também foram sendo construídos no decorrer da sua história, eles não estavam destinados a existir.

Antes de partir, Che diz que realizou todas as provas que eram necessárias pela faculdade e em seguida a trancou. Observem que no momento em que tranca a faculdade, ele deixa de representar no 3º sentido e repõe a sua posição de viajante, que já havia sido posta anteriormente na sua primeira viagem. E novamente vai viver novas experiências e descobrir coisas novas. A diferença entre a primeira e a segunda viagem é basicamente a de que na segunda ele estava acompanhado e planejava viajar por muito mais tempo.

Segundo ele, naquele momento eles não imaginavam as conseqüências das suas atitudes: *Ainda não imaginávamos o esforço que teríamos de fazer para cumprir nossos objetivos, tudo o que enxergávamos era a estrada poeirenta a nossa frente. Tudo o que víamos era nós dois em nossa moto, devorando os quilômetros rumo ao norte.*

Nem mesmo o seu namoro foi capaz de segurá-lo. Segundo o seu pai, ele o questionou na época: *E quanto a sua namorada?* A resposta fornecida foi a seguinte: *Se ela me ama, vai esperar.*

A programação da viagem contava com a passagem por Miramar (onde ficava a casa de veraneio da família de Chichina) para a despedida deles. Ele não sabia muito bem como seria esse momento, mas os dois dias que eles programaram para passar por lá, se estenderam a oito. A despedida não foi fácil.

O Che é apresentado em Taibo II (1997) como um homem que não se preocupava com aparência, o que, para uma família conservadora e tradicional como era a dela, causava certo desconforto. Mas de acordo com o autor, a amiga de Che Dolores Moyano, a prima de Chichina, disse que o amplo conhecimento literário, histórico, etc e o jeito descontraído dele, que não deixava ele se “abater”, o ajudava a vencer esses obstáculos e a relação entre os dois prosperou.

Che estava apaixonado pela moça. Segundo Dolores Moyano, *Ernesto de forma surpreendente e inesperada, se apaixonou pela princesa, que*

simbolizava tudo o que ele desprezava; o mesmo aconteceu com ela. Uma relação que tinha a aura do impossível (p.41).

Um poema de Miguel Otero Silva citado por ele próprio, ilustra bem o que foi este momento:

***Yo escucha chapotear en el barco
los pies descalzos
y presentía los rostros anochecidos de hambre.
Mi corazón fue en péndulo entre Ella y la calle.
Yo no sé con qué fuerza me libré de sus ojos
me zafé de sus brazos.
Ella quedo nublando de lágrimas su angustia
tras de la lluvia y el cristal
pero incapaz para gritarme: Espérame,
yo me marcho contigo!***

Apesar do sofrimento, Che rompeu com mais uma de suas representações, a de namorado. Mas ao mesmo tempo, diz que deixou com Chichina um cão chamado come-back que simbolizava a sua volta. O sonhador – espírito livre – insatisfeito se sobrepôs ao apaixonado e então partiu livre, pelo menos carnalmente, para viver outras experiências. Mas durante algum tempo sofreu a separação com Chichina verdadeiramente. Enfim, cumpridos todos os deveres que os prendiam a antiga vida, seguiram a viagem, encarnaram os papéis de viajantes.

¹ *Eu escutava passos no barco/ os pés descalços/e pressentia os rostos anoitecidos de fome./Meu coração era um pêndulo entre ela e a rua./Eu não sei com que forças me librei de seus olhos/me libertei de seus braços./Ela ficou, nublando de lágrimas sua angústia/atrás da chuva e do crista/porém incapaz de gritar: Espera-me/eu vou contigo!*

Che relata no início da sua “aventura” pela América do Sul, o questionamento que fez a esposa de um amigo de Alberto sobre a sua viagem (o casal recebeu eles durante *3 dias de boa vida*). A mulher lhe perguntou: *Você se forma na escola de medicina dentro de um ano e está partindo? E você não tem a menor idéia de quando volta? Por quê?*

É difícil para alguém que se identificava, provavelmente, com o estudante de medicina convencional compreender o estudante de medicina que também era sonhador – espírito livre – insatisfeito, que naquele momento preferia viajar pelo mundo ao invés de terminar os estudos. Para a identificação convencional, um estudante de medicina não deve ser um sonhador – espírito livre – insatisfeito. As duas coisas tradicionalmente não se encaixam. O que é aceito para um estudante de medicina é a dedicação aos estudos e às intensas atividades acadêmicas, que estão pré-definidas e que proporcionarão a formação. Resumidamente, é a dedicação à profissão, sobre a qual se deposita muita responsabilidade e também muito prestígio.

Em resposta ao questionamento, continua se representando como o sonhador – espírito livre – insatisfeito. Porém, em uma narração mais adiante, mostra que não era apenas a mulher que se questionava a respeito daquela mudança, mas ele também. Vejamos o que diz:

(...)olhávamos para o futuro com uma alegria impaciente. Parecíamos respirar mais livremente, um ar mais leve, um ar de aventura. Países distantes, feitos heróicos e belas mulheres davam voltas e voltas em nossas imaginações turbulentas. Mas, em meus olhos cansados que, no entanto, se recusavam a dormir, um par de pontos verdes que representava o mundo que eu havia deixado zombava da liberdade que eu buscava, atando sua imagem a meus vãos de fantasia através das terras e dos mares do mundo.

O Che sonhador – espírito livre – insatisfeito revela com esse discurso que não estava totalmente livre do seu mundo antigo. Através de seus sonhos

o mundo se representava pra ele, provocando o embate entre a nova e a antiga maneira de ser, de viver. Livre e preso ao mesmo tempo. Contradição!

Segundo Ciampa (2007b), *quando corremos o risco de não saber quem somos, quando nos sentimos desagregando, temos maus pressentimentos, temos o pressentimento de que vamos enlouquecer; aprendemos a ter horror de sermos “outro” (p. 61-62)*. Nós temos medo da mudança, temos medo do desconhecido, preferimos aquilo que já conhecemos e que já estamos habituados a lidar. É por isso também que muitas vezes acabamos nos representando da mesma maneira, mesmo que ela já não faça mais sentido e não mais seja real. Ela já traz uma segurança, o controle da situação (mesmo que não completamente), o novo ainda não, é algo que ainda está para ser construído.

A esposa do amigo de Alberto, por exemplo, parecia estar achar tudo aquilo uma loucura. Não conseguia compreender o motivo da viagem, afinal ele estava prestes a se formar em medicina. Procurava uma explicação cabível, dentro dos seus referenciais, para aquilo tudo. Mas, como diz Ernesto, *não conseguir arrancar uma resposta precisa para todos os seus porquês desesperados arrepiou todos os seus cabelos*. Provavelmente em seu lugar não faria o mesmo.

Mas o Che, que de fato revelou-se em “conflito” naquele momento, descobriu mais adiante que viajar pelo mundo era uma vocação sua. Ele se recorda de si perdido em seus próprios pensamentos e conclui:

Ali nós descobrimos que a nossa vocação, nossa verdadeira vocação, era a de perambular as estradas e mares do mundo para sempre. Curiosos, investigando tudo o que nossos olhos virem, bisbilhotando cada canto e cada rachadura, mas sempre soltos no mundo, sem raízes em lugar algum, sem demorar tempo o suficiente para descobrir o que se esconde por baixo das coisas, a superfície nos basta.

Sem raízes em lugar algum, sem demorar tempo o suficiente para descobrir o que se esconde por baixo das coisas, a superfície nos basta. Esta afirmação diz muita coisa sobre o que o viajar pelo mundo representava naquele momento. De acordo com o relato presente no livro, foi dessa forma que ele e Alberto viveram do início ao final da viagem. Se representa o tempo todo migrando de cidade em cidade, não demorando muito tempo em lugar algum. Ele se envolvia nas situações, as vivia, mas por um tempo muito curto.

Aproximadamente dois meses e meio depois da sua afirmação: “vocaçãõ para perambular o mundo”, conta que em uma determinada noite ficou pensando em Chichina:

Naquela noite, os mosquitos me mantiveram acordado e eu fiquei pensando em Chichina, que agora era apenas um sonho distante, um sonho muito bonito que havia terminado de forma um tanto quanto inusitada nessas situações, com muito mais mel em minha memória do que fel. Mande-i-lhe um beijo gentil e sereno, o beijo de um velho amigo que a conhece e a compreende; depois, minha mente viajou até chegar ao Malagueño, em cujo salão ela provavelmente deveria estar sussurrando aquelas frases intrincadas e estranhas para um novo pretendente, naquele exato momento.

Neste momento surgiu uma dúvida, que ele diz que emergiu do fundo de sua alma: *Será que tudo isso vale a pena?* A resposta afirmativa foi dada pelo céu estrelado que estava sobre sua cabeça, que *brilhava alegremente, como se respondesse afirmativamente.*

Che aparece se apresentando novamente em conflito com a sua escolha. A representação do mundo que ele havia deixado para trás aparece novamente em seus pensamentos através de Chichina. Isso o faz novamente ter dúvida. A diferença dessa vez, é que ela foi resolvida rapidamente. Quando ele observou o “novo mundo” ao seu redor, ele descobriu que aquilo tudo valia

a pena sim. O “novo mundo” estava fazendo mais sentido. A certeza da vocação deu lugar à dúvida e logo em seguida a certeza novamente.

Pouco tempo depois, já na Argentina, ele aparece se apresentando como alguém que estava destinado a viajar. Novamente volta a afirmar a certeza da sua escolha. Repõe a sua anterior apresentação. Ele diz: *Eu sei agora, por conta dos fatos que estou destinado a viajar*. E em seguida, ao se lembrar de lugares bonitos da Argentina: *Talvez um dia, quando estiver cansado de errar por ai eu volte para a Argentina e me assente nos lagos andinos, se não indefinidamente, pelo menos em trânsito para outra concepção de mundo*. Mas por enquanto essa representação que faz de si é uma realidade apenas em suas idéias, não é concreta; são apenas palavras, desejos, sonhos, etc, porque nesta época ele está na Argentina terminando a Escola de Medicina, representando novamente o papel de estudante, de filho, de cidadão urbano, etc.

Conforme citado anteriormente no capítulo II, *a identidade tende a ser constantemente modificada ou remodelada no processo das relações sociais, tornando-se fluida, móvel, híbrida, contraditória, instável* (Oliveira, 2004, p. 124). Nas palavras de Ciampa (2007a), isto se traduz assim:

*São múltiplas personagens que ora se conservam, ora se sucedem; ora coexistem, ora se alternam. Estas diferentes maneiras de se estruturar as personagens indicam como que **modos de produção** da identidade. Certamente são maneiras possíveis de uma identidade se estruturar; quando há predominância de uma talvez se pudesse falar num modo dominante de produção (p.156).*

O princípio-geral estabelecido para a viagem naquela manhã em Córdoba foi a improvisação. Existia uma rota a ser seguida: resumidamente partir de Buenos Aires, descer a costa atlântica da Argentina, passar através dos Pampas, atravessar os Andes para chegar ao Chile, seguir rumo ao norte

em direção ao Peru e à Bolívia e finalmente alcançar a Venezuela. E eles estavam dispostos a cumpri-la. Vejamos o que Che fala:

O primeiro mandamento de todo grande explorador é: uma expedição tem sempre dois pontos – o de partida e o de chegada. Se se deseja fazer o segundo ponto em teoria coincidir com o ponto real, não se deve hesitar a respeito dos meios (a expedição é um espaço hipotético que termina onde termina, então devem existir tantos meios para se alcançar um fim dado. Quer dizer, os meios são infinitos).

Em troca de alimento, de lugar para pernoitar, de transporte (principalmente depois que a moto quebrou definitivamente) e de dinheiro, os dois viajantes encarnavam as mais variadas situações. Eles topavam trabalhar em qualquer coisa, se relacionavam com diversos tipos de pessoas e de diferentes formas, improvisavam para comer, dormir e fugir do frio, etc.

Dentre as tantas experiências que ele relata no seu diário, uma delas ilustra bem a identidade pressuposta apresentada por Ciampa (2007a), isto é, a identidade enquanto dado e não enquanto dar-se.

O fato ocorreu em Temuco, no Chile. Che e Alberto concederam uma entrevista para o jornal “El Austral”. O motivo e o contexto desta entrevista não está claro no livro. De qualquer maneira, a publicação da matéria foi bastante útil para os dois viajantes. A matéria do jornal publicada foi esta: *2 expertos argentinos en leprologia recorren Sudamérica en motocicleta. Están en Temuco y desean visitar Rapa-Nui (2 especialistas en leprologia argentinos recorren a América do Sul de motocicleta)*. Segundo ele:

Em poucas palavras, era assim que nossa ousadia era descrita: nós, os especialistas, figura-chave do campo da leprologia nas Américas, com uma vasta experiência, já tendo curado mais de três mil pacientes, familiarizados com todos os centros importantes do continente e com suas condições

sanitárias, tínhamos nos dignado a visitar esta cidadezinha pitoresca e melancólica. (...) agora, não éramos mais um par de quase-mendigos com uma moto a reboque. Não, agora nós éramos “os especialistas”, e era assim que nos tratavam. Passamos o dia consertando a moto, e uma empregada mestiça vinha sempre nos oferecer os mais variados petiscos. Às cinco da tarde, depois de um lanche suntuoso oferecido por nosso anfitrião, nos despedimos de Temuco e seguimos para o norte.

A matéria do jornal se transformou em um instrumento muito útil para os dois viajantes que viviam passando fome e frio. Sempre que a fome apertava ou quando precisavam de algum lugar para passar a noite, representavam o papel de especialistas, sem que estivessem sendo, no entanto. Eles encarnavam essa identidade.

Na medida em que eram identificados e se identificavam como os especialistas, os problemas deixavam de existir (fome, por exemplo); essa representação lhes trazia benefícios e então eles a repunham. As relações sociais em que estavam inseridos mostravam a cada representação que isso dava certo e também que o valor social do médico e o fato de ser argentino provocavam a aceitação muito positiva das pessoas. Mobilizava o respeito, a veneração e a devoção delas.

Para aquelas pessoas simples, para quem Alberto exibiu seu certificado de médico, nós éramos uma espécie de semideuses, vindos de nada mais nada menos do que da Argentina, aquele país maravilhoso onde Perón e sua mulher, Evita, vivem, onde os pobres têm tanto quanto os ricos e o índio não é explorado nem tratado caluniosamente como o é aqui nesse país.

O prestígio social que tem o papel do médico e a origem argentina, (construções histórias), naquele contexto garantia a ele ótimos tratamentos.

Ciampa (2007a) diz: *nossa linguagem cotidiana tem dificuldades de falar do ser como atividade – como acontecer, como suceder (p. 133)*. Segundo ele (2007b), *esquecemos do fato original do agir(...)? (...)estamos pressupondo antes da ação, do fazer(...)*. (p. 64). Portanto quando as pessoas os identificavam desta maneira, elas estavam pressupondo antes da ação, antes do agir, a identidade de especialistas. A identidade de especialista é um dado, mas a identidade é o dar-se, é a ação.

Neste caso, eles representavam os especialistas por conveniência, sem estarem sendo. Entretanto em outros momentos, quando visitavam os leprosários, representavam este mesmo papel porque queriam e estavam sendo.

O espírito da viagem tinha ares de aventura, de liberdade e de alegria: *Havíamos chegado ao final de uma das mais importantes etapas da viagem. Não tínhamos um centavo sequer, as chances de conseguir dinheiro a curto prazo eram praticamente nulas, mas estávamos felizes.*

Cada passo que eles davam representava uma nova descoberta e uma nova vivência. As paisagens e as construções históricas interessavam bastante, se maravilhavam com elas. A recepção calorosa da grande maioria das pessoas os surpreendia. Algumas pessoas e lugares eram muito interessantes. Nas festas se esbaldavam com as comidas e principalmente com as bebidas, etc. No entanto, a desumanidade presente em cada um dos lugares que visitavam os chocava. Era inevitável não se deparar com a pobreza, com as injustiças e com as condições de desumanidade. Estavam por todos os lugares, em todos os países e também no contato íntimo com muitas das pessoas com as quais se relacionavam: *Nossas narinas dilatadas inalavam a pobreza com uma intensidade sádica.*

Depois que voltou para a Argentina, ao refletir, reorganizar e reescrever essas mesmas experiências se apresenta ao leitor bastante revoltado com essa realidade e radicalmente avesso aos valores e costumes burgueses. Conforme descreve os acontecimentos, assume uma postura bastante crítica e algumas vezes radical diante de situações que viu e que viveu, como por exemplo, a exploração do trabalho humano; o destrato com o povo indígena; o

descaso com a saúde e com a educação; a alienação e dominação cultural, política e econômica dos povos; o tratamento diferenciado dado à eles pelo fato de serem médicos; o frio que fazia sofrer; etc.

Se voltarmos um pouco em sua história de vida, na época da sua adolescência, encontramos em Taibo II (1997), um Che bastante diferente deste, que se apresenta desta forma: *Não tive nenhuma preocupação social em minha adolescência e não tive nenhuma participação nas lutas políticas e estudantis na Argentina (p. 32)*. Ao mesmo tempo e na mesma época também encontramos um Che, este mais próximo deste, que se posiciona em sala de aula diante de um golpe militar assim: *Os militares não dão cultura ao povo, porque se o povo tivesse cultura não os aceitaria (p. 32)*.

Por um lado, o Che Adolescente não se preocupava com as questões sociais e não havia se envolvido em nenhuma participação política. Por outro, tinha uma opinião bastante crítica sobre elas.

Podemos dizer que o entendimento daquele contexto já compreendia a idéia, por exemplo, das relações de poder e de uma organização social dividida em classes culturais, econômicas, etc. No entanto, naquele momento esse entendimento não havia motivado preocupação e nem ação política. Ele tinha um entendimento crítico, ponto.

Caminhando um pouco mais pela sua história, alguns anos após este cenário, encontramos um Che que se apresenta sem preocupação social efetiva. Ele diz: *Quando comecei a estudar medicina, a maioria dos meus conceitos que tenho como revolucionário estavam ausentes no depósito de minhas idéias. Eu queria vencer, como todo mundo quer vencer* Vamos interpretar: Ele queria vencer, ser um pesquisador famoso. Por mais que ele também tenha dito que enquanto pesquisador trabalharia *infatigavelmente para conseguir algo que pudesse ser, definitivamente, posto à disposição da humanidade*, podendo sugerir a existência de uma preocupação efetiva com o social, os benefícios de ser esse pesquisador famoso infatigável, representava para ele muito mais uma satisfação individual (no sentido do prestígio; da fama; que o pesquisar algo importante para a humanidade poderia proporcionar) do que social (no sentido de mudança social – os conceitos de revolucionário

estavam ausentes): *naquele momento era um triunfo pessoal. Eu era, como todos somos, um produto do meio. A preocupação naquele momento era com ele e não com o social efetivamente. O social até estaria envolvido, mas este não seria o objetivo final dos seus atos; o objetivo final era ele. Portanto ele se apresenta sem preocupação social efetiva.*

A preocupação social efetiva começa a aparecer para ele exatamente quando vivencia a experiência da viagem, quando encarna o papel de viajante. É na ação que ela se constrói. Retornando a Ciampa (2007a), (...) *nós somos nossas ações (p. 64).*

Quando nos aproximamos do sonhador – espírito livre – insatisfeito com a vida acadêmica, que em busca de satisfação percorre os territórios da América do Sul, em tom de aventura, começamos a enxergar as situações e as relações que vão consolidando o Che revoltado – crítico radical – futuro revolucionário, um outro outro que também era ele. O envolvimento real com as situações, com as pessoas e com o contexto social dos vários lugares que visitou, que representa a vivência de novas experiências, diferentes das que já havia vivenciado, ou até quem sabe, iguais, mas de qualquer forma, em contextos diferentes, no mesmo tempo que mobilizou uma série de ações e posicionamentos por parte dele, que amadureceu cada vez mais as suas idéias, também transformou a sua forma de ser. A preocupação social ganha vida; aparece a revolta, o inconformismo, a dó, a compreensão do sofrimento humano, etc.

Atividade, consciência e identidade, de fato, conforme afirma Ciampa (2007a), as três categorias fundamentais para a psicologia social compreender o homem, o seu movimento. É importante ressaltar conforme diz Miranda (2005), que o movimento de transformação não se dá apenas na identidade, por exemplo; se dá também na consciência e na atividade, ao mesmo tempo. Quando a atividade de Che muda (experiência de viajar), muda também a consciência que ele tem de si (destinado a viajar; revoltado; vai lutar ao lado do povo) e também a sua identidade (futuro revolucionário). De acordo com a autora:

(...)a transformação não ocorre em apenas uma categoria (atividade, consciência e identidade), mas na unidade, que são as três juntas. Também não podemos dizer qual se transforma primeiro, já que fazem parte de um todo só. Podemos afirmar que as três mudam juntas, ou seja, o movimento de uma é necessariamente o movimento das outras duas (p. 22).

Em meio a tantos encontros, com diferentes tipos de pessoas, um homem em especial, segundo ele, o preparou para uma revelação. Conta que já havia escutado aqueles argumentos proferidos pelo homem diversas vezes, de diferentes pessoas, mas eles não tinham exercido nenhuma impressão sobre ele. Não sabia ainda dizer se era a atmosfera ou a personalidade do homem que o havia preparado para a tal revelação, mas o fato foi que daquela vez impressionou.

Segundo Diego Ambrosini, o tradutor deste livro, o capítulo em que ele fala dessa relação (Capítulo: “Refletindo Melhor”) *provavelmente foi escrito por Ernesto depois de voltar para a Argentina. Não se sabe ao certo nem em que país nem quando aconteceu o episódio narrado. (N. da edição inglesa).*

Este homem havia fugido do seu país europeu quando jovem e migrou de país em país até se estabelecer na América *para esperar pacientemente a chegada do grande momento.* Próximo da despedida do encontro, Che diz que o homem deixa escapar essas palavras:

“O futuro pertence ao povo e, gradual ou subitamente, ele vai chegar ao poder, aqui e em todo mundo”. “O problema”, continuou, “é que o povo deve ser educado, e isso não pode ser feito antes que ele tome o poder, só depois. Ele só pode aprender a partir de seus próprios erros, e estes serão muito sérios e custarão muitas vidas inocentes. Ou talvez não, talvez essas vidas não sejam inocentes porque pertencem àqueles que cometem os maiores pecados contra natura; em outras palavras, eles não tem habilidade para se adaptar. Todos eles, todos os que não conseguirem se adaptar – você ou eu, por exemplo – morrerão amaldiçoando o poder que ajudaram a

fazer surgir com sacrifícios muitas vezes enormes. A revolução é impessoal, vai levar suas vidas e até mesmo utilizará suas memórias como um exemplo ou como instrumento para controlar os jovens que surgirem depois deles. Meu pecado é ainda maior porque eu, mais sutil ou mais experiente, chame do que quiser, vou morrer sabendo que o meu sacrifício está fundado apenas na teimosia que simboliza nossa civilização apodrecida e decadente. Eu sei também – e isso não mudará o curso da história ou mesmo sua impressão pessoal a meu respeito – que você morrerá com seu punho cerrado e sua mandíbula tensa, porque você não é um símbolo (um exemplo inanimado), mas sim um autêntico membro da sociedade que deve ser destruída; o espírito da colméia fala através de sua boca e move-se através de seus atos. Você é tão útil quanto eu, mas não percebe quão útil é sua contribuição para a sociedade que o sacrifica.”

Contundentes palavras que impressionaram. Confrontaram, fizeram refletir. Ele diz: *Aquela noite, que se abriu com o toque de suas palavras, fechou-se novamente ao meu redor, deixando-me outra vez trancado dentro dela.* Mas não é só isso, essas palavras também mobilizaram o seu posicionamento diante da situação. E ele se posiciona. Diz que naquele momento sabia:

Apesar de tudo o que ele disse eu agora sabia... sabia que no momento em que o grande espírito-guia separar toda a humanidade em apenas duas frações antagônicas, eu estarei com o povo. E sei disso porque vejo impresso na noite em que eu, o dissector eclético de doutrinas e psicanalista de dogmas, uivando como um homem possesso, tomarei de assalto as barricadas ou trincheiras, mancharei com sangue minha arma e, louco de fúria, degolarei quantos vencidos caíam em minhas mãos. E depois, como se um cansaço enorme derrubasse minha exaltação recente, vejo-me caindo imolado em nome da autêntica revolução que igualará todas as vontades, pronunciando exemplarmente o mea culpa. Já sinto minhas narinas dilatadas, saboreando o odor acre da pólvora e do

sangue, da minha morte inimiga; já encurvo meu corpo, pronto para a briga, e preparo meu ser como se fosse um recinto sagrado, para que ele faça ressuscitar, com novas vibrações e novas esperanças, o grito triunfante.

Aparece um outro outro, isto é, o Che futuro revolucionário, o que afirma que fará justiça social com as próprias mãos ao lado do povo quando toda a humanidade estiver separada em apenas duas frações antagônicas, em nome *da autêntica revolução que igualará todas as vontades*. Ele se apresenta para si próprio agindo como um revolucionário.

Após concluir os estudos na escola de medicina Che parte novamente ao encontro de Alberto que está na Venezuela trabalhando em um leprosário. Segundo Taibo II (1997), após concluir a sua última prova pela faculdade liga para o seu pai e diz: *Aqui é o doutor Guevara. Velho, vou para Venezuela*. Ele se representa como doutor e em seguida como viajante. Mais uma vez ele se mostrou transformado em relação ao Che que um dia sonhou em vencer na vida como todo mundo.

De fato, a característica da identidade é a metamorfose constante, conforme afirma Ciampa (2007a).

O Che definitivamente não era o mesmo que era antes. Ele se apresenta emancipado em relação a ele próprio, consciente da sua transformação: *eu, não sou mais eu, pelo menos não sou o mesmo que era antes. Esse vagar sem rumo pelos caminhos de nossa Maiúscula América me transformou mais do que me dei conta*.

Não representar a sua identidade no 3º sentido repetidas vezes, ou seja, não repor apresentações postas no passado (o médico pressuposto, o estudante de medicina, o despreocupado com questões sociais, o conformado), pela consciência que ele tinha de si, permitiu que os seus outros outros, que também eram ele, se concretizassem, permitiu a negação da negação deles e conseqüentemente a concretização de toda a sua humanidade.

Ele permite que o seu ser real ganhe vida, se expresse sempre como diferente de si próprio; ele se permite ser a sua multiplicidade, se permite (re)construir constantemente.

O Che se apresenta como alguém com uma percepção bastante desenvolvida de si, ele aparece nos seus escritos constantemente revelando essa percepção, revelando a consciência em relação a si próprio.

Os seus escritos de si mostram descrições bastante detalhadas dos acontecimentos, dos sentimentos, dos pensamentos, etc. Com certeza conforme diz Vygotsky (2000), não podem ser consideradas como representantes da experiência em si, ela é estritamente falando não comunicável, mas podem representar os significados dela.

Escrever sobre as suas experiências de vida era um comportamento praticado desde a sua juventude, de acordo com os dados que temos. As suas viagens posteriormente também foram registradas em diários. Este era um costume dele.

Segundo Taibo II (1997), *em busca da ordem perdida* (p. 29), Che registrou no que chamou de “*Caderno alfabético de leituras gerais*” a lista dos livros lidos e alguns comentários sobre eles.

Sobre a viagem que ele fez em pleno período de aulas mencionada acima, o autor diz:

No caminho não apenas estuda medicina, mas vai aprendendo a narrar. Nas páginas do seu diário ajusta-se a metáfora, melhora a descrição, aparecem observadas cuidadosamente as paisagens, ao mesmo tempo em que se compraz cada vez mais com suas meditações de ermitão (p. 40).

Ele aperfeiçoa a narração e conseqüentemente entra em contato mais profundo com a experiência, se aproxima mais do real.

Segundo Scholze (2007), A escrita de si é uma das experiências subjetivas mais intensas, *uma experiência que nos transforma* (p. 140). Ela diz que por meio da escrita de si somos levados a organizar o pensamento, reafirmar ou transformar conceitos.

Sem desconsiderar todas as outras possibilidades em que o indivíduo pode (re)elaborar as sua idéias, ações, etc, podemos dizer que a cada momento em que ele se dedicava a este exercício, ele praticava a reflexão, a organização dos seus pensamentos, a consciência de si próprio. No momento em que ele escrevia, necessariamente pensava sobre si, sobre o vivido, se enxergava. Segundo Vygotsky (2000), *uma elaboração lingüística lenta e consciente* (p. 179).

CONCLUSÃO

A identidade de Ernesto Guevara de La Serna revelou-se um ótimo exemplo do que é uma identidade pós-convencional e o que é a emancipação do homem em relação a ele próprio.

A análise realizada mostrou que Ernesto rompeu com normas e com padrões sociais, assumindo uma postura crítica frente ao modelo convencional de ser. O seu ser passou a se orientar pela possibilidade do novo e não mais

pela tradição, pela norma, pelo o que se convencionou socialmente como sendo o correto. Ele superou a sua antiga identidade através da consciência que demonstrou ter em relação a si próprio.

Vimos que isso só foi possível na medida em que ele pôde concretizar a sua humanidade enquanto totalidade, isto é, a multiplicidade do seu ser, os seus outros outros que também eram ele. Sendo outro outro ele pode viver novas experiências, se identificar pela diferença e igualdade e descobrir um outro mundo, uma outra realidade, que enquanto forma de existir era mais interessante.

Poder ser como desdobramento da sua totalidade, aquilo que ele era no momento em que estava com o Alberto naquela manhã de feriado falando sobre sua vida, isto é, sonhador – espírito livre – insatisfeito com a vida acadêmica, se transformou numa possibilidade de buscar uma nova forma de ser, assim como quando ele abandonou os seus colegas de faculdade e viajou em pleno período de aulas.

A postura crítica de romper com o protocolo foi uma atitude observada nos diversos momentos da análise. Por exemplo: no momento em que ele parte em viagem para o interior da Argentina (1ª viagem); no momento em que ele se coloca crítico em sala de aula sobre o regime militar, tanto que ele é expulso da aula/as pessoas se chocam; quando viaja pela segunda vez sem ter concluído a escola de medicina, formação almejada pela sua mãe, etc. Todas essas mudanças vão o constituindo e apontam novos caminhos, novos horizontes. Entretanto verificamos que se tratavam de mudanças quantitativas, não qualitativas, mas nem por isso, menos importantes, porque fazem parte da sua história e, portanto o constituem. Ele ainda era o “um” e “um outro” ao mesmo tempo, estava se preparando para ser “um”.

A experiência da viagem, fruto da sua atitude *pós-convencional* confrontou o mundo que ele havia deixado para trás com o que se abria como possibilidade, gerando instabilidade, mas também certezas. Entre personagens que ora se conservam, ora se sucedem, ora coexistem, ora se alternam Ernesto foi se construindo e uma construção, que conforme podemos acompanhar, foi se dando no plano da ação concreta e não do discurso.

Observamos que a mudança qualitativa, a emancipação propriamente dita ocorreu no momento em que o *falante* através das suas contundentes palavras mobilizou o pensar, o ser e o agir. Nesse momento ele demonstrou sabedoria (*eu sabia...*), mostrou que tinha consciência de qual seria a sua postura futura; um projeto. Em outras palavras, concluímos que *sabia* que não era mais um homem conformado.

Percebemos que ele afirma novamente a sua consciência de si depois que volta para a Argentina ao reorganizar, polir e reescrever os registros desta experiência. Na medida em que ele registra afirmações deste tipo: *eu sabia...*; *eu sei agora...*; *eu era...*; etc, consolida para si próprio aquilo que ele era e aquilo que ele é. Portanto, demonstra consciência sobre o seu eu e se projeta para o futuro.

O registro escrito de si neste sentido se revelou uma forma de afirmação da mudança, porque o indivíduo se vê em ação e não se reconhece mais como igual a si. A transformação se consolida para ele.

Encontramos 3 exemplos de consolidações ao seu respeito, de afirmações encontradas em seus escritos que futuramente se concretizaram na objetividade social. São eles: 1) Amadurecimento do ódio à civilização, que se concretizou pouco tempo depois através da viagem para a América do Sul; 2) Se afirmar destinado a viajar pelo mundo para sempre. Pouco tempo depois concretiza a sua terceira viagem rumo a Venezuela.

Isso revelou que o exercício da escrita de si é um dos fatores da mudança dele, na medida em que ele reflete e se reconhece. O fator principal mesmo é a ação concreta; a ação no mundo.

Consideramos que a reflexão da relação identidade posta como metamorfose constante/escrita de si, de experiências vividas trouxe uma contribuição importante para o estudo da identidade, porém se mostrou ainda pouco amadurecida. Questões do tipo: Em que medida isso pode ser colocado em prática, uma vez que ele é um dos fatores de mudança? É uma via possível? Qual a relação que ela estabelece com a questão das políticas de

identidade proposta por Ciampa (2007)? Existe? Enfim, os questionamentos são infinitos, tudo a depender do ator e podem ser aprofundados em futuros estudos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Wanda Maria Junqueira e OZELLA, Sergio. Núcleos de significação como instrumento para a apreensão da constituição dos sentidos. *Psicol. cienc. prof.*, jun. 2006, vol.26, no.2, p.222-245. ISSN 1414-9893. <<http://pepsic.bvs-psi.org.br/pdf/pcp/v26n2/v26n2a06.pdf>>.

BOCK, Ana M. B., FURTADO, Odair e TEIXEIRA, Maria L. T. *Psicologias uma introdução ao estudo de psicologia*. 13ª ed. reform. e ampl., São Paulo: Editora Saraiva, 2003.

CHAUÍ, Marilena S. A não violência do brasileiro: um *mito interessantíssimo*, In: Almanaque II (Cadernos de literatura e Ensaio): Educação ou desconversa. Brasiliense, 1980.

CIAMPA, A. C. *A estória de Severino e a história de Severina*. São Paulo: Brasiliense, 2007a.

CIAMPA, A. C. Identidade. In: LANE, Silvia; CODO (orgs.) *Psicologia Social: O homem em movimento*. São Paulo: Brasiliense, 2007b, p. 58-75.

GONÇALVES, Maria G. M. .A psicologia como ciência do sujeito e da subjetividade: a história como noção básica. In: BOCK, Ana M. Bahia Bock; GONÇALVES, M. Graça M.; FURTADO, Odair (orgs.) *Psicologia Sócio-Histórica: uma perspectiva crítica em psicologia*. São Paulo:Cortez, 2001, p.37-52.

LETRAS DE HOJE. *A Linguagem como elemento privilegiado na construção da reflexão de si*. Porto Alegre, 2007. Disponível em: <[HTTP://revistaseletronicas.pucsp.br/ojs/index.php/fale/article/view/file/2416/18](http://revistaseletronicas.pucsp.br/ojs/index.php/fale/article/view/file/2416/18)>. Acesso em: 15 set. 2008.

MILLENIUM. In: Revista on-line. *Diário – Um contributo para o desenvolvimento profissional dos professores e estudos dos dilemmas*. [s.l.], 2004. Disponível em: <www.ipv.pt/millennium/millennium29/30.pdf>. Acesso em: 15 set. 2008.

MIRANDA, Camila de Melo. *Movimento de Identidade – um estudo de caso em psicologia social*. São Paulo, 2005. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

OLIVEIRA, Eliana. *Mulher negra professora universitária: trajetória, conflito e identidade*. São Paulo, 2004. 146p. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Departamento de Antropologia Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

SANTOS, J3sus Benedito. *O presb3tero Cat3lico: identidade, metamorfose e emancia33o*. S3o Paulo, 2009. 314p. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Pontif3cia Universidade Cat3lica de S3o Paulo.

SERNA, E. G. *De moto pela Am3rica do sul: di3rio de viagem*. S3o Paulo: S3 / Rosari, 2001.

TAIBO II, Paco I. *Ernesto Guevara, tamb3m conhecido como Che*. 1 ed. S3o Paulo : Scritta, 1997.

VYGOTSKY, Lev Semenovic. *Pensamento e Linguagem*. Ed. S3o Paulo: Martins Fontes, 2000.